

ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA CULTURA NO DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DA AÇÃO DO MUSEU DA GENTE SERGIPANA

Marcelo Rangel Lima¹

Resumo: O Museu da Gente Sergipana está aberto ao público desde dezembro de 2011 na capital do estado de Sergipe, Aracaju. Desde sua inauguração, já recebeu mais de 400.000 visitantes para a mostra permanente de instalações em multimídia interativa, outras mostras temporárias e programações culturais. Já é considerado o ponto turístico mais visitado do estado e também vem provocando o turismo interno. A partir da ação do museu, dos efeitos e impressões de seus visitantes e dos impactos em outros agentes econômicos locais este artigo apresenta proposta de pesquisa de mestrado do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS), na qual pretendemos realizar uma investigação sobre o impacto da ação do museu no desenvolvimento local. Através da utilização da Bateria de Indicadores de Cultura no Desenvolvimento Unesco, metodologia elaborada para mensurar a contribuição da cultura nos processos de desenvolvimento, que possibilita verificar seu impacto no crescimento econômico, na expansão de visões de mundo e na capacidade de adaptação a mudanças. A partir de uma revisão crítica das noções sobre a dimensão cultural no desenvolvimento, vamos analisar os impactos do equipamento cultural no estado e nos agentes locais de áreas do turismo, da educação além do público em geral.

Palavras-chave:

cultura e desenvolvimento; museus; indicadores culturais; políticas culturais; avaliação da cultura.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS), na linha de pesquisa economia, cultura e políticas da comunicação. Membro do Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (OBSCOM/CEPOS-UFS). Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), pós-graduado em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona (UG)-Itaú Cultural. Atua como diretor de programas e projetos do Instituto Banese/Museu da Gente Sergipana. E-mail marcrangel@hotmail.com

Introdução

Embora seja uma tendência geral dos processos sociais, a produção cultural fortemente industrializada se estabelece como problemática pela natureza destes bens. Martin-Barbero (1997) explica que os bens culturais são bens simbólicos que funcionam como elementos de mediação da vida das pessoas e pautam as relações sociais do homem com suas comunidades, com suas culturas e entre si.

Mesmo disputando com outras referências culturais próprias das comunidades, estes bens produzidos industrialmente têm pautado, de maneira ampla, as referências culturais da sociedade e, tem contribuído para o enfraquecimento de polos locais de produção e distribuição cultural e para o enfraquecimento do sentimento de pertencimento cultural de grupos com suas comunidades (HALL, 2005). Esse conteúdo massivo, por se estruturar de maneira organizada e em escala global, muitas vezes, representa a maioria das referências as quais as comunidades têm acesso, enfraquecendo as práticas locais e consolidando elementos simbólicos que tem baixa referência com os pontos regionais/locais.

O Museu da Gente Sergipana (MGS), localizado na capital de Sergipe, Aracaju, foi idealizado pelo então governador Marcelo Déda como desafio de ressignificar as relações entre a população e suas referências culturais. Foi fundado pelo Instituto Banese, associação sem fins lucrativos criada e mantida pelo Banco do Estado de Sergipe (BANESE) e empresas a ele relacionadas, para promover o patrimônio cultural local. Todo o investimento necessário, da ordem de R\$ 22 mi, para restauro e adaptação do prédio tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Estadual e doado pelo Governo do Estado para receber instalações em multimídia interativa que compõem a exposição de longa duração foi doado pelo Banco do Estado de Sergipe, sem incentivos fiscais. O Museu proporciona interações diversas com manifestações, paisagens naturais e tipos humanos, juntamente com história, culinária, festividades, costumes e a expressão oral do povo de Sergipe.

Para a pesquisa proposta será realizado um aprofundamento da bibliografia sobre o papel da cultura no desenvolvimento, especialmente nos aspectos relacionados ao pensamento de Celso Furtado. Do mesmo modo, estudaremos a fundo a Bateria de Indicadores de Cultura no Desenvolvimento UNESCO (2014).

A Bateria de Indicadores em Cultura para o Desenvolvimento da UNESCO (BICD-UNESCO) mostra uma metodologia minuciosa para mensurar a contribuição da cultura nos processos de desenvolvimento, demonstrando como verificar sua contribuição para o crescimento econômico, a expansão de visões de mundo e capacidade de adaptação a mudanças, possibilitando o bem estar e a coesão social. Dividida em 7 dimensões, economia, educação, governança, participação social, igualdade de gênero, comunicação e patrimônio, foram criadas com base no documento *Nuestra Diversidad Creativa*, que será abordado mais adiante neste artigo. Cada uma dessas dimensões inclui de um a cinco indicadores. Algumas delas são relacionadas aos processos de desenvolvimento, outras centradas no papel da cultura como facilitadora do desenvolvimento ou concentram-se na exploração completa do potencial da cultura. Os princípios desta metodologia foram elaborados, testados e implementados em vários países e vão nortear nosso processo de análise. E de acordo com as dimensões da BICD-UNESCO, será realizada uma pesquisa de campo.

Serão aplicados questionários e entrevistas entre 4 públicos. Entre os visitantes sergipanos do Museu (aracajuanos e de outros municípios) verificaremos se a ida ao museu provoca aumento do interesse na cultura sergipana e/ou uma ampliação de conhecimento sobre o patrimônio cultural local. Tentaremos ainda examinar a identificação ou rejeição dos visitantes com as expressões culturais a que foram expostos e se a visita ao MGS os instiga a visitar outros museus e equipamentos culturais, quer seja em outros estados ou em outras cidades de Sergipe.

Entre os viajantes, não moradores de Aracaju e oriundos de outros estados, investigaremos os motivos que os levaram a procurar o Museu e se suas impressões sobre o equipamento cultural provocaram algum impacto em relação ao destino turístico (Aracaju/Sergipe). Mais especificamente entre os viajantes de outros estados e países, investigaremos os meios de transporte para chegar a Aracaju e tipos de hospedagem utilizados para estadia na cidade, Tentaremos identificar, em média, valores de despesas em geral efetuadas por dia, por pessoa ou por famílias.

Os professores e coordenadores pedagógicos de grupos oriundos de escolas serão alvo de entrevistas específicas, para identificar se são realizadas ações didático-pedagógicas a partir da visita ao museu, quais foram estas ações e quais resultados alcançados. Também buscaremos formas de avaliar o grau de expectativa/satisfação dos alunos antes/após a visita ao MGS.

Agentes econômicos da cadeia produtiva do turismo, tais como hotéis, agências de receptivo turístico e de transporte, serão alvo de outro tipo de entrevistas, tentando identificar o volume médio mensal/anual de recursos gerados a partir das visitas ao MGS e se o Museu integra os roteiros de *city tour* ofertados pelas agências de receptivo da cidade. Os proprietários do Café da Gente e a Loja da Gente, que funcionam dentro do equipamento cultural, também serão entrevistados. Paralelamente, identificaremos ônibus e veículos coletivos de transporte (vans, microônibus, ônibus) que levarem grupos aos museus para saber a origem das empresas e o valor médio de aluguel desses meios de transporte coletivo e/ou dos valores pagos pelos passeios.

Todo este trabalho de campo será possível com o apoio de acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento que já atuam com vínculo de estágio não curricular que já atuam no MGS como mediadores-educadores, pois serão incorporados à pesquisa e receberão certificados específicos de comprovação de atuação na pesquisa.

Territórios, Públicos e Identidades

Segundo dados do IBGE, Sergipe tem uma área total de 21.918 km² (IBGE, 2016) e uma população distribuída em 75 municípios, estimada em 2.265.779 habitantes, sendo que 641.523 destes vivem na capital (idem, ibidem), que tem uma área de 181.857 km² (idem, 2015). O rendimento nominal mensal domiciliar *per capita* da população residente é de R\$ 878,00 (idem, 2016).

Na contemporaneidade, ressalta Teixeira Coelho, há uma mudança no conceito da identidade como algo a ser apenas preservado ou restaurado, emergindo a ideia de identificação-invenção. Para o autor, a manutenção de um bem cultural se justifica caso contribua para uma produção cultural contínua e, neste sentido, “a preservação de um bem deve ser feita de modo a permitir-lhe que contribua para alimentar o tecido social onde se localiza, como fez no passado” (1997: p. 288). Nesta perspectiva, buscaremos identificar o possível grau de identificação-invenção gerado pela ação do MGS e se está contribuindo para a dinâmica de processos culturais, artísticos, criativos.

Com entrada totalmente gratuita, desde sua inauguração, em novembro de 2011 até dezembro de 2016, o Museu da Gente Sergipana já recebeu mais de 410.000 visitantes, sendo a maioria deles oriundos da capital e de municípios de todas as outras regiões de Sergipe. O segmento turístico está apenas um pouco abaixo da maioria sergipana, com viajantes originários de todos os estados brasileiros e estrangeiros, procedentes de todos os continentes do globo. Dados gerados anualmente pelo Instituto

Banese apontam ainda a predominante participação de alunos das redes públicas de ensino na ação do museu.

TOTAL GERAL -ANUAL	
2016	75.198
2011 - 2016	419.746

Fonte: Relatório Anual da Administração 2016, Instituto Banese.

VISITAS DE ESTUDANTES E GRUPOS GUIADAS POR EDUCADORES (JAN - DEZ)				
ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS	ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS	ESCOLAS PRIVADAS	OUTROS*	TOTAL DE ESTUDANTES E GRUPOS GUIADOS POR EDUCADORES
7.036	4.423	5.844	6.190	23.493
TOTAL DE ESTUDANTES E GRUPOS GUIADOS POR EDUCADORES: 23.493				

Fonte: Relatório Anual da Administração 2016, Instituto Banese.

VISITANTES SERGIPANOS POR REGIÃO							
	ALTO SERTÃO	MÉDIO SERTÃO	BAIXO SÃO FRANCISCO	LESTE SERGIPANO	GRANDE ARACAJU	AGRESTE CENTRAL	SUL SERGIPANO
TOTAL ANUAL	125	381	511	663	30.998	2.069	1.970
TOTAL DE VISITANTES SERGIPANOS: 38.366							

Fonte: Relatório Anual da Administração 2016, Instituto Banese.

REGIÕES BRASILEIRAS - 2016					
	NORDESTE	SUDESTE	CENTRO-OESTE	SUL	NORTE
TOTAL ANUAL	16.910	13.454	2.665	2.436	757
TOTAL DE TURISTAS DE OUTROS ESTADOS BRASILEIROS: 36.222					

Fonte: Relatório Anual da Administração 2016, Instituto Banese.

CONTINENTES - 2016							
	AMÉRICA CENTRAL	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA DO SUL	EUROPA	ÁFRICA	ÁSIA	OCEANIA
TOTAL ANUAL	08	104	171	290	02	28	07
TOTAL DE TURISTAS ESTRANGEIROS: 610							

Fonte: Relatório Anual da Administração 2016, Instituto Banese.

O Núcleo de Ações Educativas e de Museologia do MGS desenvolve atividades de mediação cultural para grupos previamente agendados ou nas diferentes instalações museais com o objetivo de (re)construir noções sobre o Patrimônio Cultural Sergipano. Com uma equipe multidisciplinar formada por acadêmicos de diferentes áreas, busca-se a transversalidade através de uma aprendizagem não formal, promovendo e divulgando

costumes, saberes, fazeres e ecossistemas de Sergipe, além de aguçar a memória afetiva, o senso crítico e estimular o conhecimento sobre aspectos significativos de história, geografia e biologia. Jogos educativos, materiais didáticos, vivências e encenações complementam as ferramentas socioeducativas.

Outros projetos e atividades promovidas pelo Museu almejam gerar diálogos entre variadas expressões artísticas e culturais, dando-lhes visibilidade e produzindo oportunidades de integração entre criações, reinvenções e manifestações tradicionais. A proposta tem sido gerar dinâmicas entre artistas, mestres, brincantes e públicos variados, encontros que provoquem novas conexões entre culturas populares e eruditas, entre tradição e contemporaneidade, para estimular a criatividade do público local mais predominante, com o intuito de manter vivo e dinâmico o patrimônio cultural sergipano e brasileiro.

Desde 2016, o Museu recebe recursos de incentivos fiscais federais do Programa Nacional de Incentivo à Cultura (Pronac), também conhecido como Lei Rouanet. Ainda assim, esta renúncia fiscal federal não cobre todos os investimentos necessários para a completa manutenção do museu, cujo orçamento é complementado através de doações dos mantenedores inicialmente citados. E através de projetos específicos, captam-se recursos em seleções públicas para projetos de extensão em comunidades e/ou direcionados para outros públicos específicos.

Dimensões culturais do desenvolvimento

O papel da cultura no desenvolvimento e ganha cada dia mais evidências através de especialistas e pesquisadores em todo o mundo. Neste sentido, qual o papel do Museu da Gente Sergipana (MGS) no desenvolvimento de Sergipe, a partir do entendimento da complexidade da relação entre cultura e desenvolvimento? Como políticas culturais inclusivas, que envolvam educação, inovação e diálogos interculturais podem colaborar para o desenvolvimento? Como pode estar fortalecendo o destino turístico Sergipe e contribuindo para o setor turístico? É possível produzir dados e fatos tangíveis que demonstrem que a iniciativa fez com que a cultura atuasse de diferentes maneiras como condutora e facilitadora do desenvolvimento?

Pretendemos, de modo geral, avaliar os resultados alcançados pelo Museu na produção cultural local e no desenvolvimento de capacidades criativas, bem como avaliar seu impacto no desenvolvimento local. Especificamente, buscamos compreender o papel da cultura como base para o desenvolvimento local, pesquisar indicadores de cultura no desenvolvimento com base na metodologia proposta pela Bateria de

indicadores UNESCO de Cultura para o Desenvolvimento (2014) e analisar dados sobre a visitação ao museu e o impacto econômico a ele relacionado.

O presidente da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o peruano Javier Pérez de Cuéllar indagava:

Quais são os fatores culturais e socioculturais que influenciam o desenvolvimento? Que impacto cultural tem o desenvolvimento econômico e social? Que relação existe entre as culturas e os modelos de desenvolvimento? Como combinar os elementos de uma cultura tradicional com a modernização? Quais são as dimensões culturais do bem estar individual e coletivo? (1996)

Em 1996, a Comissão produziu o documento *Nuestra Diversidad Creativa*, que apontou visões sobre o desenvolvimento como ampliação das possibilidades humanas, a cultura como maneira de viver em conjunto e os fins do desenvolvimento justo. Entre vários outros pontos abordados, ressaltava-se o potencial de crianças e jovens e a necessidade de dar-lhes oportunidades de expressão, para que possam participar de tomadas de decisões, bem como a preocupação com sua iniciação na multiplicidade de formas e meios de expressão.

O Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe da Unesco lançou em 2003 uma série de textos que buscavam compreender a complexidade da relação entre cultura e desenvolvimento, resgatando artigos de Celso Furtado e Amartya Sen originalmente publicados em 1997.

Amartya Sen contrapõe uma noção opulenta do desenvolvimento, ligado somente ao crescimento econômico e ao aumento do PIB, a outra noção gerada a partir de uma liberdade real, na busca dos próprios valores de uma coletividade (p. 69), que faz com que as pessoas tenham oportunidades de decidir que modo de vida desejam levar, sendo a pobreza (ou o subdesenvolvimento) gerado por limitações sociais e circunstâncias pessoais para escolher outras formas de vida (p. 70). Neste contexto, não conta somente o desenvolvimento econômico, mas outros objetivos, sendo a cultura relevante em três sentidos relacionados entre si: i) um papel constituinte, em que as pessoas entendem e cultivam sua criatividade, aliando-se à educação para um desenvolvimento cultural; ii) um papel educativo, mostrando que as influências culturais impactam naquilo que valorizamos, inclusive os fatores econômicos, algo que pode apontar razões e indicativos distintos de valorações de objetivos de vida privada e coletiva em diferentes sociedades; e iii) um papel instrumental, indicando parâmetros culturais influenciados em maior ou menor grau por valores éticos de comportamento,

que se aplicam na promoção crescimento econômico e nas noções de qualidade de vida, num sentido mais amplo de desenvolvimento. Propõe, portanto, uma visão pluralista, em que estas dimensões se complementam numa complexa dimensão cultural do desenvolvimento, que é pautado pela liberdade em decidirmos o que valorizar, que tipo de vida desejamos levar e quais objetivos coletivos e individuais vamos buscar (pp. 72-73).

Celso Furtado, na mesma publicação do Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe da Unesco (2003), relaciona o desenvolvimento ao potencial criativo ao enriquecimento de um universo simbólico e coletivo de valores, algo que não alcança sua plenitude se a acumulação material não envolver o desenvolvimento de potencialidades humanas, em uma sociedade em que *sus miembros pueden satisfacer sus necesidades, expresar sus aspiraciones e ejercitar su genio creativo* (p. 56). Para Furtado, a diversidade cultural deve ser compreendida a partir de noções de inovação, de seres humanos equilibrados com o meio em que vivem, que podem transformá-lo e fazê-lo avançar suas virtualidades e na transformação econômica, através de processos criativos que abarcam tecnologias de ampliação da sua capacidade de ação. O desenvolvimento é o resultado de suas ações, dos valores que acrescenta ao seu patrimônio material e espiritual, considerado a partir do contexto cultural das sociedades (p. 57). A ênfase da base teórica da pesquisa dará destaque aos aprofundados estudos sobre a obra de Celso Furtado levados a cabo pelo César Bolaño, com destaque para os realizados através do programa Cátedras IPEA-CAPES do Desenvolvimento.

Mesmo sendo notórias as pesquisas em Economia Criativa, geradas em grande parte a partir do conceito de cidades criativas inicialmente formulados por Charles Landry e reverberadas por outros pesquisadores, como Ana Carla Fonseca Reis no Brasil (2011), optaremos pela visão de Bolaño (2012), que ressalta a “criatividade social” do pensamento furtadiano e que “o projeto nacional de desenvolvimento do Brasil deverá desdobrar-se em políticas econômicas e culturais, no sentido inverso ao do economicismo que a EPC européia denuncia no discurso da economia criativa”.

Cultura & Avaliação

É preciso entender as dificuldades delineadas por Teixeira Coelho (1997) para a avaliação de políticas culturais. A tarefa é árdua, pois diz respeito a uma multiplicidade de objetivos e efeitos buscados e/ou alcançados, que envolvem também objetivos simultaneamente políticos, econômicos, de enquadramento ideológico, de ampliação da

produção ou do consumo cultural. Mas já está posto que buscaremos situar nossa análise a partir de uma base de dimensões orientadas pelo papel da cultura no desenvolvimento, em busca de indicadores específicos enunciados por uma metodologia já utilizada em outras partes do mundo.

Considerando a necessidade de avaliação dos impactos de uma intervenção direta ou indireta em uma realidade, diferentes questões metodológicas são expostas por Ben e Cantero (2009) num artigo incluído em *Cómo evaluar proyectos de Cultura para el Desarrollo - Una aproximación metodológica a la construcción de indicadores*, publicação da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, em que apontam que

La necesidad de evaluar, de medir, pesar, contar, observar aquello que ocurre cuando realizamos una intervención, no es, desgraciadamente, un fenómeno universal. En ocasiones tenemos la sensación —muchos profesionales de la intervención social la comparten— de que se hacen y ejecutan programas y proyectos sin que nadie se plantee la necesidad de evaluar. Este fenómeno suele ser inversamente proporcional a la magnitud de la institución u organismo que realiza el proyecto. Es decir, cuanto mayor es el ente, menor es la evaluación realizada o más simple su propuesta evaluadora. (idem)

Os autores ressaltam a complexidade na formulação de um sistema de indicadores de desempenho para projetos de cultura para o desenvolvimento, especialmente devido a espaços de tempo mais amplos que são necessários para a avaliação de um projeto e as dificuldades de obtenção de indicadores, por isso os modelos de avaliação devem ser flexíveis e adaptáveis a diferentes realidades.

José Márcio Barros (2008) indica a necessidade de não limitar a avaliação a rápidas análises de conjuntura ou acompanhamento de processo, uma preocupação fundamental para que instrumentos de avaliação não se tornem meros descritivos frios, numéricos, sobre a quantidade de público envolvida na ação, seu perfil socioeconômico ou sua origem, produzidos apenas pela necessidade de elaboração de relatórios de gestão ou prestação de contas em patrocínios públicos ou privados, na gestão pública ou no setor privado ou não governamental.

O caminho para a avaliação do impacto da cultura no desenvolvimento deve envolver não apenas números isolados, mas um conjunto de contextos interpretativos e técnicos, com conceitos, bases teóricas e metodologias bem fundamentadas para a sinalização de tendências e resultados que componham um processo de interpretação da realidade, de modo que deem conta da complexidade de fenômenos, mas sem substituir bases teóricas e conhecimentos práticos do fenômeno em si (BARBOSA, 2009).

Está claro que os processos de avaliação não podem ser ignorados na gestão cultural. É possível utilizá-las para atrair parceiros, garantir condições de sustentabilidade e gerar sinergias, especialmente em tempos de cortes orçamentários e verbas escassas, para a construção de argumentos que garantam mais investimentos no setor cultural.

A decisão sobre qual abordagem metodológica adotar é crucial, pois esta determina que aspectos ou efeitos serão avaliados num determinado projeto/ação/política cultural, o que pode gerar efeitos sobre sua continuidade ou mudanças na sua condução. Do mesmo modo, são relevantes as possíveis combinações entre os dados qualitativos e quantitativos a serem apurados. Estas combinações nos darão equilíbrio adequado entre o tangível e o intangível na avaliação de impactos ou resultados. Neste sentido, é essencial a fundamentação dos objetivos e focos a serem avaliados e a seleção das metodologias e ferramentas de avaliação, e mais ainda, a cautela, o rigor e a sensibilidade na interpretação dos resultados.

Além da Bateria de Indicadores de Cultura no Desenvolvimento da Unesco, buscaremos aplicar no Museu da Gente Sergipana as bases de análise de impacto empreendidas pelo Prof. Xavier Greffe (2009) para o Museu do Louvre. Segundo o pesquisador, para mensurar os benefícios econômicos de uma instituição cultural, há vantagens na análise de impacto, que determina quais efeitos condutores as atividades de uma instituição cultural podem ter na economia:

Isto consiste em dois aspectos, relacionados a efeitos diretos e indiretos. Segundo este método de avaliação, inicialmente avalia-se a dimensão econômica do impacto gerado pela instituição em termos de fluxo de custos que suas atividades disparam num determinado território. Isto envolve não apenas os próprios despesas da instituição ou organização em conexão com suas atividades, mas também aquelas efetuadas pelos seus usuários, bem como as despesas de outras entidades que são parceiras da instituição ou organização cujo impacto estamos analisando. Esta primeira camada de despesas é seguida por uma segunda camada que consiste em todas as despesas vinculadas às receitas distribuídas durante a primeira camada depois de ser utilizada, e assim por diante. O impacto medido é o total destes dois tipos de efeitos, diretos e indiretos. (tradução livre do autor)

Considerações Finais

Através do envolvimento de crianças e jovens, dando-lhes oportunidades de identificações e diálogos com expressões de culturais tradicionais e contemporâneas, o MGS pode estar possibilitado o desenvolvimento do potencial criativo e o

enriquecimento de um universo simbólico e coletivo de valores, fatores importantes para um desenvolvimento em que a cultura atua na maneira de viver em conjunto e nos fins do desenvolvimento justo. Por sua expressiva visitação turística, tem atuado também como indutor de um fluxo econômico. A busca da avaliação do grau de efetividades destas camadas de atuação conduzirão nossa pesquisa.

Nosso objetivo também será o de avaliar se as atividades ofertadas estão dando real acesso a criações e manifestações que permitam que os usuários do Museu reinventem identidades e realidades. Investigaremos se tais ações colaboram para compor de fato, um mosaico simbólico, um multiculturalismo que é fruto da coexistência entre diferentes culturas, derivadas de processos históricos e amalgamentos que não se vale de um dirigismo paternalista para apontar uma única ideologia, e assim acaba por reduzir a cultura a uma perspectiva histórica e política, mas exalta a convivência entre diferentes culturas (COELHO, 1997).

Através deste trabalho, tentaremos ainda identificar se na gestão do MGS, o patrimônio cultural é tratado a partir de um ponto de vista da valorização da pluralidade de vozes que compõem sua totalidade. Avaliaremos se os costumes, falares e expressões expostas por meio de interatividade e artifícios tecnológicos na exposição de longa duração podem, na verdade, retratar uma cultura hegemônica, em que a ação de trabalho de agentes culturais já atuam em subsunção ao poder hegemônico, seja ele político, econômico ou religioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Frederico. **Considerações para a construção de indicadores culturais**. In: Lia Calabre (org.), *In Políticas culturais: reflexões sobre gestão, processos participativos e desenvolvimento*. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009.
- BARROS, José Márcio. **Para uma Cultura da Avaliação da Cultura**. Produzido a partir dos debates da mesa redonda “Avaliação no Setor Cultural”, realizada no Seminário Indicadores Culturais: debate Brasil e Espanha. São Paulo: Observatório Itaú Cultural, 2008.
- BEN, Luis. CANTERO, Jesús. **La construcción de indicadores para Cultura y Desarrollo. Crónica de un proceso**. In *Cómo evaluar proyectos de Cultura para el Desarrollo - Una aproximación metodológica a la construcción de indicadores*.

Madrid: *Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo - Dirección de Relaciones Culturales y Científicas*, 2009.

BOLAÑO, César. **Campo Aberto para a Crítica da Epistemologia da Comunicação**. Aracaju: EDISE/UFS, 2015.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

FURTADO, Celso. **Cultura y desarrollo**. In *Cultura y Desarrollo. Oficina Regional de Cultura para América Latina y el Caribe de la UNESCO. Tomado de Diálogo*, n. 22, México, D.F., 1997. Cuba: 2003.

GREFFE, Xavier. **The Economic Impact of the Louvre**. Paris: Centre d'Economie de la Sorbonne, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INSTITUTO BANESE. **Relatório anual da Administração 2016**. Aracaju, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CIDADES@**. IBGE: 2016. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280030&search=sergipe|aracaju|infograficos:-informacoes-completas>. Acesso em 21/05/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **ESTADOS@**. IBGE: 2016. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=se>. Acesso em 21/05/2017.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

REIS, Ana Carla F. KAGEYAMA (Org.). **CIDADES CRIATIVAS – PERSPECTIVAS**. São Paulo: Garimpo de Soluções & Creative Cities Productions, 2011.

SEN, Amartya. **La cultura como base del desarrollo contemporáneo**. In *Cultura y Desarrollo. Oficina Regional de Cultura para América Latina y el Caribe de la UNESCO. Tomado de Diálogo*, n. 22, México, D.F., 1997. Cuba: 2003.

UNESCO. **Culture for Development Indicators: Implementation Toolkit**. Paris: 2014. Disponível em www.unesco.org/creativity/CDIS. Acesso em 04/11/2016

_____. **Nuestra Diversidad Creativa**. Informe de la Comisión Mundial de Cultura y Desarrollo. Oficina de Coordinación de Cultura y Desarrollo. Versión Resumida. Paris: 1996.